

Uma experiência de agenda de pesquisa na crítica da economia política ¹

Márcio Lupatini²
Roberta Traspadini
Ellen Tristão
Janaína Elisa Patti de Faria
João Cesar Souza Ferreira
Carlos Henrique Lopes Rodrigues
Thiago Marques Mandarino

Introdução

A partir da temática desta Edição Especial da Revista Leituras de Economia Política, o Grupo de Estudos de Crítica da Economia Política (GECEP) apresenta sua proposta de um grupo de perspectiva crítica, cuja preocupação central é desvelar os principais condicionantes e contradições da acumulação de capital no capitalismo contemporâneo. Os desafios são muitos. Além de uma proposta que caminha na contracorrente da ortodoxia econômica, do mainstream, o GECEP conta com um grupo de jovens pesquisadores e estudantes vinculados a uma também jovem universidade (UFVJM), e neste cenário as demandas cotidianas na consolidação não só do grupo, mas também de cursos de graduação com reduzido quadro docente, retardam os avanços na pesquisa e mesmo colocam este importante sustentáculo da Universidade em segundo plano. Apesar das batalhas diárias, a batalha das ideias é um horizonte que temos como primordial e o GECEP é o resultado (ainda em construção) desta caminhada. Nas páginas que se seguem apresentaremos o perfil do Grupo e seus desafios na pesquisa, com intuito de contribuir com a perspectiva crítica da pesquisa.

(1) *Pesquisadores do GECEP*: além dos autores deste texto, são pesquisadores do Grupo: Fernando Leitão Rocha Junior (UFVJM) e Ricardo Lara (UFSC). *Estudantes do GECEP*: Alane Gonçalves Vieira, Bruno Tomaz Manfrim, Cristiane Ataíde Moreira, Flávia Félix Barbosa, Hugo Figueiredo Rievers, Lázaro Brito Borges, Louise Winkelströter, Luana Pereira Nunes Grangeiro, Maurício Beirão da Rocha Oliveira, Petrus Alves Freitas, Rachel Silva Rodrigues, Ricardo Pereira Scopel, Sandra Rodrigues dos Santos, Sônia Alves de Matos, Swelen Yasmin Delgado de Aguiar, Tasiana Rodrigues Soares, Thaila Cancio Araujo, Thamires Laure Magalhães, Thiago José Nogueira Rodrigues dos Santos, Verônica Brazões Xavier e Wesley Pereira Lobo.

(2) Todos os autores deste texto são pesquisadores do GECEP e servidores da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

O Grupo de Estudos de Crítica da Economia Política (GECEP) teve origem em 2009³. A sua constituição é decorrência de atividades de estudo e pesquisa acumuladas entre segundo semestre de 2007 e meados de 2009, as quais congregaram professores e estudantes, sobretudo dos Cursos de Ciências Econômicas e de Serviço Social, ingressos na recém criada Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Exatas (FACSAE), Campus do Mucuri (Teófilo Otoni-MG) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)⁴.

O GECEP desenvolve pesquisas na área da crítica da economia política, as quais procuram compreender tanto a dinâmica do capitalismo contemporâneo quanto as particularidades da formação econômica e social da América Latina e do Brasil. O Grupo atualmente está organizado em seis linhas de pesquisa, a saber: Teoria do Valor e Processo de Trabalho; Capitalismo Contemporâneo; Manifestações do Imperialismo no Capitalismo Dependente; América Latina: história, memória e atualidade do desenvolvimento desigual e combinado; História Econômica do Brasil; Logística e Circulação de Capital.

Os pesquisadores do Grupo produziram, entre 2009 e 2012, mais de sete dezenas de publicações bibliográficas (entre livro, capítulos de livros, artigos em periódicos, artigos completos em eventos nacionais e internacionais), os quais foram apresentados e discutidos em várias Universidades Públicas Brasileiras (UFRJ, UFPR, UNESP, UFU, UNICAMP, USP, UnB, entre outras), e em alguns países (Argentina e Alemanha), e uma centena e meia de atividades técnicas. Cabe destacar que os estudantes integrantes do GECEP publicaram mais de uma dezena

(3) Registro do GECEP no CNPq: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=00286035MV7HOY>>. Contato: <gecep_ufvjm@googlegroups.com>.

(4) A origem da UFVJM remonta os anos 1950. “Fundada em 30 de setembro de 1953 por Juscelino Kubitschek de Oliveira e federalizada em 17 de dezembro de 1960, a Faculdade Federal de Odontologia de Diamantina (Fafeod) transformou-se em Faculdades Federais Integradas de Diamantina (Fafeid) em 04 de outubro de 2002, que foram elevadas à condição de Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) em 06 de setembro de 2005, tendo sido publicada a transformação no Diário Oficial da União em 08 de setembro de 2005, através da Lei n. 11.173, de 06 de setembro de 2005” (www.ufvjm.edu.br). Apesar de sua origem ser datada nos anos 1950, esta ganha formato de Universidade em meados dos anos 2000, e desde então tem uma rápida expansão, tanto no Campus sede, em Diamantina-MG, como no primeiro Campus no interior, Campus do Mucuri, localizado em Teófilo Otoni, MG – no qual está a FACSAE, com cinco cursos de graduação: Ciências Econômicas, Serviço Social, Administração, Ciências Contábeis e Matemática (licenciatura), e o início das atividades ocorreu no segundo semestre de 2006 –, e mais recentemente com seus dois novos Campi, em Unai e Janaúba, MG (maiores detalhes podem ser obtidos em www.ufvjm.edu.br).

de trabalhos, dos quais três artigos foram aprovados em eventos internacionais, e duas dezenas de produções técnicas. Atualmente o GECEP possui quatro bolsistas de iniciação científica (IC), e outros três bolsistas já encerraram suas pesquisas de IC junto ao Grupo.

1 Perspectiva teórica

1.1 Introdução

Nas últimas décadas, as contradições do capital se acirraram, sobretudo desde a sua crise de 1960/70. Desde esta crise o capital não conseguiu recuperar o ritmo de acumulação experimentado nas duas décadas posteriores a Segunda Guerra Mundial. Este ritmo não se recuperou, mesmo com a abertura de novos espaços para valorização, com intensas transformações no processo produtivo e com sua intensa cruzada contra a classe trabalhadora. Este último aspecto produziu significativos impactos na organização desta classe e nas suas condições de vida, expressas tanto nas altas taxas de desemprego, na precarização das relações de trabalho, na reconfiguração pró-capital de uma parcela significativa dos sindicatos, na concentração funcional da renda, na mercantilização crescente da educação, da saúde, das aposentadorias (previdência privada), dos recursos naturais, dos conhecimentos científicos e tecnológicos, dentre outras.

A crise atual, eclodida em 2007/8, deve ser compreendida em um movimento mais amplo do capital, a saber: a particularidade da acumulação e reprodução do capital no pós-guerra, suas contradições expressas na crise de 1960/70 e a saída do capital perante esta crise. Ou seja, a crise não tem como causas fundantes – ainda que tenha contribuição em sua manifestação – a implantação de políticas inadequadas, o processo de desregulamentação monetária, financeira e dos fluxos de capital, os novos produtos financeiros (como mercado de derivativos), o ciclo de “exuberância irracional”, dentre outros elencados pela literatura, mas sim é resultado do próprio movimento do capital em sua particularidade no período contemporâneo.

Neste processo, entendemos que um aspecto constitutivo importante é a autonomização das formas funcionais do capital na particularidade histórica do período contemporâneo: na particularidade contemporânea, as formas capital a juros e, sobretudo, capital fictício são cada vez mais parte significativa do capital

global. Ou seja, a reprodução do capital ocorre sob a lógica e os imperativos destas formas, o que indicamos como um processo de exacerbação da autonomização das formas do capital sobre base monopolista no período contemporâneo. Se estas formas constituem grande parte do capital global e, ao mesmo tempo, não contribuem diretamente na produção de mais-valia – pois fundamentalmente são formas que apenas se apropriam da mais-valia gerada no seio do capital produtivo –, a consequência inevitável é a exacerbação das contradições do capital e de suas crises no capitalismo contemporâneo.

É sob a lógica e os imperativos destas formas do capital que devemos compreender as transformações do processo produtivo (processo de automação crescente com introdução de tecnologias com base microeletrônica, desterritorialização da produção, recriação e intensificação de extração de mais-valia sob a forma absoluta etc.), a reconfiguração do Estado capitalista nos marcos do neoliberalismo, precarização das relações de trabalho, dentre outros aspectos.

Desta forma, defendemos que a crítica da economia política não é só necessária, mas imprescindível para compreensão do capitalismo contemporâneo e suas particularidades. Desnudar esta forma social e suas contradições no período contemporâneo nos exige estudos aprofundados da obra de Karl Marx, de Friedrich Engels, dos teóricos críticos do imperialismo, em sua “fase clássica”, cuja obra de maior relevo é de Vladimir I. Lenin, e de autores desta tradição no pós-guerra e no período contemporâneo. Sem esta perspectiva, o que percebemos é que os estudos ou ficam restritos a apologética burguesa ou captam, ainda de forma articulada e bem realizada, apenas as manifestações das contradições do movimento do capital, sendo que o imperativo é compreender a totalidade do capitalismo contemporâneo em sua unidade essência e aparência, conteúdo e formas de manifestação. Entender estas formas de manifestação como a totalidade é ficar restrito ao processo de mistificação do capital. Sem a crítica da economia política não é possível superar esta dimensão da mistificação do capital.

Ademais, a compreensão da dinâmica do capitalismo contemporâneo sobre a apropriação privada dos territórios e dos sujeitos no papel de trabalhadores subsumidos à sua lógica (apresentada como único e onipotente caminho), nos remete à inexorável relação entre o geral e o particular, na captação da totalidade do

complexo movimento das relações sociais de produção e de seus desdobramentos ao longo do processo de desenvolvimento histórico.

Com base no método, diferenciar processos históricos de contextos históricos, requer investigar o particular-geral em várias dimensões: 1) o modo de produção capitalista como um modo particular entre tantos outros; 2) as fases e os desdobramentos do particular modo de produção capitalista e suas repercussões sobre os territórios; 3) a função particular de cada peça que compõe a engrenagem da dinâmica geral de reprodução ampliada do capital, enquanto gênese e atualidade do modo de produção capitalista (continentes e países); 4) as particulares formas-conteúdos de resistência à ordem burguesa, suas memórias e suas histórias, como elementos constitutivos das manifestações da luta de classes no continente.

Captar o movimento, conectar o geral e o particular com suas diferenciadas e complementares determinações, nos exige revisitar os clássicos do pensamento marxista, à luz dos acontecimentos do nosso tempo e da nossa materialidade concreta. Ou seja, exige colocá-los em permanente diálogo com as especificidades históricas de uma região que, ao mesmo tempo em que foi indevidamente invadida desde fora, mostra desde dentro, sua incessante capacidade de resistir e consolidar, dentro e para além da ordem burguesa, outro mundo necessário e possível. Somam-se, portanto, aos clássicos do pensamento marxista, os grandes referenciais latino-americanos e brasileiros que têm como referencial a crítica da economia política.

1.2 Linhas de pesquisa

O GECEP conta hoje com seis linhas de pesquisas ativas, que incorporam pesquisadores e estudantes. Os objetivos e temáticas de cada linha serão apresentados nas páginas a seguir de forma sucinta.

Teoria do valor e processo de trabalho

Objetivo: A partir da configuração do capitalismo contemporâneo e da certeza da permanência da lei do valor no centro do processo de acumulação capitalista, esta linha de pesquisa aborda as principais modificações no processo

produtivo na produção de mais-valia e nas formas contemporâneas de apropriação deste excedente. O objetivo desta abordagem é contribuir com o entendimento da especificidade desta fase do modo de produção capitalista, que assume traços específicos a partir de 1970, e seus impactos nas relações sociais, mais especificamente na contradição entre desenvolvimento genérico e individual do ser social.

Principais referências: Karl Marx, György Lukács, Isaak Rubin, Benedito de Moraes Neto, Ricardo Antunes, André Gorz, Ernest Mandel, István Mészáros, Benjamin Coriat, José Paulo Netto, Reinaldo Carcanholo, Sérgio Lessa, Gilmaísa Costa, Maurizio Lazzarato.

Temáticas: Os temas centrais desta linha são: trabalho produtivo e improdutivo, reestruturação produtiva, reificação das relações sociais, subsunção do trabalho ao capital, apropriação capitalista de atividades imanentemente humanas (afeto, artes, conhecimento), setor de serviços, desenvolvimento desigual entre gênero e indivíduo.

Capitalismo contemporâneo

Objetivo: O tema em investigação se refere à compreensão do capitalismo contemporâneo – compreendido como o período após a crise do capital 1960/70 –, no qual o capital acirrou suas contradições. Os estudos para compreensão deste se concentram nos seguintes eixos: a) análise do processo de trabalho na contemporaneidade; b) processo global da produção capitalista no período contemporâneo; c) as crises capitalistas: a crise do capital de 1960/70 e a particularidade das crises capitalistas recentes, com sua expressão máxima na crise atual (2007/8-).

Principais referências: Karl Marx, Vladimir Ilitch Lenin, Rudolf Hilferding, Ernst Mandel, José Paulo Netto, François Chesnais, Alex Callinicos, David Harvey, Reinaldo Carcanholo, Paulo Nakatani, Marcelo Carcanholo, Maurício Sabadini, Costas Lapavistas, Benedito de Moraes Neto, Eleutério Prado, Ricardo Antunes.

Temáticas: Particularidade da acumulação e reprodução do capital no pós-guerra e sua crise nos anos 1960/70. Acirramento entre produção e realização (apropriação) do capital na contemporaneidade. Intensificação da concentração e centralização do capital. Particularidade da autonomização das formas do capital no capitalismo contemporâneo: a lógica do capital a juros e do capital fictício. As manifestações contemporâneas do capital fictício no período atual. O debate sobre capital financeiro. O debate sobre “financeirização”. “Reestruturação” produtiva: qual a sua gênese e seu papel na produção do capital? Limites e contradições no processo de extração de mais-valia (forma absoluta e relativa) para a acumulação de capital. Processo de trabalho e transição socialista: ainda em pauta a contradição entre desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais de produção.

Manifestações do imperialismo no capitalismo dependente

Objetivo: A partir da investigação das diferentes abordagens teóricas dadas ao Imperialismo – fenômeno inexoravelmente global que subordina todas as nações ao processo de acumulação do capital financeiro – pretende-se analisar as principais formas de extração de mais-valia nos países de capitalismo dependente e o grau de autonomia política e econômica destas frente à intensificação da concentração e centralização do capital e ao movimento do capital.

Principais Referências: Vladimir I. Lenin, Karl Marx, Rudolf Hilferding, Nicolai Bukharin, Rosa Luxemburgo, Paul Baran, Paul Sweezy, Harry Magdoff, Joseph Schumpeter, François Chesnais, Ernest Mandel, Isaak Rubin, Ellen Wood, Leo Panitch, David Harvey, Tom Kemp, Eric Hobsbawm, Atilio Borón, Florestan Fernandes.

Temáticas: Teorias do Imperialismo; Desenvolvimento desigual e combinado; industrializações atrasadas e capitalismo dependente; Estado e capital monopolista; Imperialismo e Novo Imperialismo; transnacionalização do capital e os investimentos diretos estrangeiros; desnacionalização das economias dependentes; trabalho produtivo e improdutivo; manifestações atuais de formas de acumulação primitiva/originária no capitalismo dependente.

América Latina: história, memória e atualidade do desenvolvimento desigual e combinado

Objetivo: Estudar o papel da América Latina nas diversas fases do capitalismo e recuperar a trajetória histórica do continente dentro e fora da ordem capitalista. Ontem e hoje, América Latina volta à cena em condições mais intensas de dependência, de subsunção formal à ordem geral e manifesta a forma de ser da engrenagem do desenvolvimento desigual e combinado, com base na vida concreta e no pulsar da luta de classes no continente. Após perversos resultados da dinâmica neoliberal na intensificação da sangria do território latino e de seus povos (veias abertas), é necessário tomar partido no posicionamento crítico de uma investigação comprometida com a classe trabalhadora e os povos originários na defesa de seus territórios, de suas autonomias e da capacidade de internacionalização de sua práxis sobre o necessário e possível *bem viver (sumak kawsay)*.

Principais referências: Karl Marx, Vladimir Ilitch Lenin, Rosa Luxemburgo, Ernest Mandel, Karel Kosik, José Martí, José Carlos Mariátegui, Che Guevara, André Gunder Frank, Enrique Dussel, Ruy Mauro Marini, Samir Amin, Vânia Bambirra e Theotônio dos Santos.

Temáticas: materialismo histórico dialético; práxis; modos de produção; sociedades pré-colombianas; formação econômica capitalista da América Latina; Estados nacionais-sociedade na América Latina; integração dos mercados x integração dos povos; luta de classes, reforma e revolução.

História Econômica do Brasil

Objetivo: A partir do método do materialismo histórico-dialético e articuladamente com a Crítica da Economia Política, a presente linha de pesquisa objetiva apreender as especificidades da formação nacional e do desenvolvimento capitalista no Brasil.

Principais referências: Karl Marx, Florestan Fernandes, Celso Furtado, Ruy Mauro Marini e Caio Prado Jr..

Temáticas: O longo e inconcluso processo de “formação” nacional, ancorado num passado colonial escravista e consolidado através uma revolução burguesa atrasada, transformaram a dependência externa e a desigualdade interna

em elementos funcionais à dinâmica de acumulação do capital, tanto o internacional quanto o representado pela parca burguesia brasileira associada, antidemocrática e antinacional. Por conseguinte, compreender o processo de formação nacional, o subdesenvolvimento, a dependência e as vicissitudes do desenvolvimento capitalista no Brasil, faz-se mister para articular a crítica da economia política às particularidades brasileiras e, apreendendo o modo de produção em seu tempo e local históricos, às possibilidades e caminhos de transformações sociais.

Logística e circulação de capital

Objetivo: Estudar o papel da logística na aceleração da circulação do capital e suas contradições. Além disso, tem-se como objetivo compreender as implicações na “rotatividade” da força de trabalho nos grandes grupos monopolistas no Brasil, assim como analisar o papel da logística nas opções de desenvolvimento capitalista no Brasil, a partir do pressuposto dos gargalos estruturais que ora se apresentam e são transplantados para as condições da reprodução da força de trabalho e sua precarização das relações laborais.

Principais referências:

Karl Marx, David Harvey, Terezinha Ferrari, Henry Ford, Frederick Winslow Taylor, Jules Henri Fayol.

Temáticas: Força de trabalho e rotatividade; manifestações e consequências da logística no processo intermediário e final de circulação e distribuição de mercadoria; as contradições postas no sistema



Reinaldo Carcanholo: I SECEP, março de 2012

capitalista, apresentados em sua extrema espoliação da força de trabalho no final do processo de distribuição e circulação de mercadoria; o papel da logística na opção de desenvolvimento capitalista dependente do Brasil e suas contradições.

2 Funcionamento e atividades do GECEP

O GECEP se reúne uma vez por semana para: a) estudos e discussões teórica e empírica sobre temas relacionados às linhas de pesquisa, as quais são desenvolvidas articuladamente; b) socialização, discussão e andamento dos Projetos de Pesquisa; c) socialização e discussão das publicações do GECEP, como Relatório de pesquisas, artigos, capítulos de livros etc.

As principais atividades do Grupo são:

1) Reuniões semanais de estudo em temas do capitalismo contemporâneo, formação econô-mica e social da América Latina e do Brasil, e textos clássicos da crítica da economia política;

2) Participação em debates no âmbito nacional e internacional de pesquisadores e estudantes a partir da produção teórica do Grupo;

3) Orientação e formação de jovens pesquisadores, tanto nas atividades de Iniciação Científica, assim como na preparação para inserção em Programas de Pós-graduação e inserção profissional em geral;

4) Realização bianual do Seminário Nacional de Crítica da Economia Política, reunindo pesquisadores de todo o Brasil em nossa Universidade (<http://www.secep.com.br>).

Sobre este Seminário, vale dizer que em sua primeira edição – *I Seminário de Crítica da Economia Política: questões contemporâneas* (I SECEP) – realizou-se no período de 28 a 30 de março de 2012, no Campus do Mucuri, Teófilo Otoni-MG, da UFMG, com a presença de aproximadamente 500 pessoas. A realização do I SECEP foi de responsabilidade do Grupo de Estudos de Crítica da Economia Política (GECEP), do Grupo de Estudos em História do Pensamento Econômico (GEHPE), da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) e da *Sociedad Latinoamericana de Economía Política y Pensamiento Crítico* (SEPLA).

O I SECEP foi concebido como continuidade das atividades do GECEP, dos Ciclos de Debate de Crítica da Economia Política, o qual reuniram pesquisadores de outras universidades e docentes do curso de Ciências Econômicas e do Curso de Serviço Social da FACSAB/UFVJM, e teve como objetivo reunir pesquisadores da área de crítica da economia política para debates e discussões acerca do capitalismo contemporâneo e sua crise, atentando-se para a particularidade latino-americana e brasileira, e ao processo de trabalho e relações laborais na atualidade.

Este I Seminário teve como tema de abertura: “Crítica da Economia Política: questões contemporâneas”, discutidos pelos professores Cláudio Gontijo (CORECON-MG/UFMG), José Paulo Netto (ENFF/UFRJ) e Reinaldo Carcanholo (SEPLA/UFES). Foram abordados ainda os temas “Teoria do Valor” e “Imperialismo e América Latina” pelos professores convidados Eleutério Prado (SEP/USP), Marcelo Carcanholo (UFF), Mauro Iasi (UFRJ) e Manoel Rebêlo (UFMS), além de dois minicursos: a) “Crise da Economia e da Ciência Econômica”, ministrado pelo professor Marcelo Carcanholo (UFF) e; b) “Crítica da Economia Política e seu papel na contemporaneidade” ministrado pelo professor José Paulo Netto (ENFF/UFRJ). Durante o dia ocorreram também oito Mesas Temáticas com apresentação de artigos de pesquisadores. O evento reuniu quase uma centena de pesquisadores de todo o Brasil, de instituições como: UFRJ, USP, UNICAMP, UFES, UFF, UNESP, UFBA, UFU, UFSC, UFMS, UFPE, UFRB, IFES-ES, além de pesquisadores da própria UFVJM.

3 Homenagem ao mestre Reinaldo Carcanholo

Para encerrar este texto, cabe-nos agora sanar uma dívida: elaborar uma homenagem, ainda que singela, ao Professor Reinaldo A. Carcanholo (1945-2013). Professor que muito contribuiu à consolidação de nosso Curso de Ciências Econômicas na UFVJM, para as temáticas e debates abordados no Grupo de Estudos de Crítica da Economia Política e, devemos reconhecer, à própria dinâmica de nossas vidas acadêmicas, de estudo e de práticas pedagógica e política, às quais ele foi um exemplo a ser seguido.

Em seu prefácio ao livro de Reinaldo Carcanholo: “*Capital: essência e aparência*”, v. 2, José Paulo Netto define Reinaldo como um Professor, encerrando sua homenagem com os seguintes dizeres:

Reinaldo, no seu magistério, restituiu a plenitude originária e radical à palavra professor: muito além de ser aquele que “dá a conhecer”, que “transmite algum ensinamento”, foi, antes, aquele que *professa, que declara* e que *comunica* a ciência rigorosa e a consciência da verdade e, unindo-as e socializando-as, torna-as *sabedoria da emancipação*. [...] Reinaldo, na universidade foi o cada vez mais raro exemplo do grande professor que é, necessariamente, um homem *culto* (Netto, 2013, p. 8-9).

As palavras acima dizem muito do papel de Reinaldo junto ao GECEP, pois foi na Universidade que pudemos conviver com este Professor, nosso mestre. Existem muitas concepções sobre o significado da palavra mestre, para nós do GECEP ser mestre significa ser rigoroso, mas afetuoso, comprometido com o conhecimento universal, transformador, e com as causas populares, potencializador de propostas individuais-coletivas, fomentador de sonhos, exímio no exemplo pedagógico, enfim, ser companheiro, no sentido completo da palavra. Encontramos esses e outros tantos atributos no Mestre Reinaldo Carcanholo.

Junto ao GECEP, Reinaldo não só concebeu o I Seminário de Crítica da Economia Política, realizado em março de 2012, como abriu o evento e apresentou artigo em uma das mesas temáticas. Mesmo já fragilizado pela doença responsável pela sua morte prematura, esteve conosco em todas as atividades do Seminário, sempre a enriquecer o debate. Neste evento, mas também em suas participações anteriores em Bancas de Concurso, Ciclos de Debates de Crítica da Economia Política, Mesa Redonda, ou nos diversos encontros críticos pelo país (CEMARX, ENEP/SEP, dentre outros), Reinaldo incentivava-nos, a nos ensinar, aconselhar e mesmo em descontraídas conversas que muito nos diziam sobre a militância de um intelectual comunista num momento de permanente contrarrevolução burguesa. Como jovens docentes, como estudantes de um Curso distante dos grandes centros, o apoio e a presença deste mestre não só nos foi cara, mas primordial para a continuidade de nossos passos na consolidação de um espaço de Crítica da Economia Política.

Sua trajetória histórica vinculou: *vida acadêmica*: foi professor em duas Universidades brasileiras (Universidade Federal da Paraíba/Campina Grande e Universidade Federal do Espírito Santo) e em outras cinco Universidades Latino-Americanas (Chile, Costa Rica, México, Honduras e Nicarágua), com grande compromisso na formação dos estudantes, em sua atividade na UFES destacamos

sua atuação junto ao PET, no qual foi tutor por 20 anos; *vida política*: com importante inserção militante na América Latina e Brasil, seja frente as ditaduras e hoje junto a movimentos sociais, destaca-se seu papel junto a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra; e *vida pessoal* – todas em prol do saber emancipatório para classe trabalhadora. Reinaldo nos deixou como legado o compromisso de pensar a frente do nosso tempo, ancorados nos rigorosos e vitais ensinamentos dos nossos clássicos marxistas, sem nunca deixar de voltar ao próprio Marx, como referência obrigatória para a compreensão teórico-prática do que temos, e do que queremos viver. Em seu papel como nosso mestre, ensinou-nos em todas as esferas do conhecimento, da teoria à apreensão estética, das artes e da cultura, pois como afirma Netto (2013), Reinaldo era um *homem culto*, mas que transbordava a todos esta cultura e o que possuía de melhor. O conhecemos dentro dos muros da universidade, mas o universo por ele a nós apresentado transcende, e muito, estes limites.

Nosso Mestre exige, com base no seu exemplo, que jamais esqueçamos quem somos, o que queremos e o que não negociamos: nossos princípios como intelectuais orgânicos que realizam a práxis em prol da classe trabalhadora. Ensina-nos que a clareza política, a tomada de partido tanto na ciência quanto na vida em sua totalidade exigem um compromisso no discernimento sobre as táticas de sobrevivência e a estratégia de ação permanente rumo ao comunismo. O legado do mestre Reinaldo exige compromisso com o rigor teórico e com a ação política na formação de quadros que nos permitam avançar na compreensão real da complexa sociedade na qual vivemos. É por isto e por muito mais que nossos estudos, nossas investigações, como coletivo GECEP têm como alicerce a história de vida do Mestre e Professor Reinaldo Antônio Carcanholo.

Reinaldo Carcanholo, patrono do GECEP, presente, presente, presente!!!!

Referência bibliográfica

NETTO, J. P. A guisa de prefácio, um breve adeus ao *Professor*. In: CARCANHOLO, R. *Capital: essência e aparência*. São Paulo: Expressão Popular, 2013. v. 2.